ANO II — Lisboa—Sexta-feira, 20 de Setembro, de 1918 — N.º 472

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 134

Editor — João A. Santos

Telefones: C. 1038

Antero, politico

Existencia truncada, incompleta,—incompleta e truncada ficou a sua filosofia. Antero caminhava evidentemente para a unidade do seu espirito. A conversão de Oliveira Martins e mais tarde o regresso de Ramalho Ortigão aos caminhos seguros da nossa boa tradição catolica e monarquica não valem apenas como casos individuaes. E' preciso considerar essa conclusão de duas inteligencias, experimentadas na dor e nos factos, como sendo a conclusão natural de toda a tragedia de pensamento de que Antero foi o centro e em que Ramalho e Oliveira Martins figuraram, á maneira classica, como *dramatis personnæ*.

Assim se compreende porque Antero, impossibilitado de atingir a plenitude da sua filosofia. A filosofia de Antero baseia-se na libertação do homem pelo Bem, mediante a sua maxima impersonalidade. A maxima impersonalidade para Antero é, como já vimos, a concepção mistica do Santo, em que Antero via *beatitude e acção*,—o que importava o completo repudio do budismo literario e n que as explicações faceis de ocasião lhe procuraram encabeçar a atormentada psicologia. O erro de Antero esteve, em que fora dos estreitos horizontes naturalistas, ele pretendia, pelo puro exercicio da vontade, sem motivos interiores de exaltação religiosa, realisar o perfeito ideal do ascetismo. Evidentemente, que ferida de morte na sua essencia, a filosofia de Antero não se corporisaria nunca num sistema concreto de doutrinas. E quem recordar o seu estudo publicado na *Revista de Portugal,—Tendencias geraes da filosofia na segunda metade do seculo XIX*, ha de até achal-o despido de originalidade criadora, limitando-se apenas a uma exposição harmoniosa e tranquilla das grandes correntes de que o seu pensamento sofrera a influencia.

Antes que outrem o viesse a perceber, Antero percebeu-o imediatamente. «Para mostrar o meu afecto ao nosso Queiroz, comecei a escrever com destino a Revista um artigo sobre as tendencias geraes da Filosofia na actualidade, coisa sumaria; mas o assunto apossou-se de mim, passou a ser quasi outra coisa o trabalho e no fim de tres mezes (acho-me tendo produzido um estudo, que na Revista dará tres ou quatro *artigos*, e que depois, ampliado, dará um livro. Ficou reservada muita coisa que naturalmente não cabe em artigos de Revista. Escuso dizer-lhe que não é a *minha filosofia* (o italico é de Antero), aquela que V. *sabe que eu tenho* (sic), com o seu metodo e teorias particulares. Essa infelizmente desisto de a expôr, porque está acima das minhas forças o fazel-o, e depois ninguem me entenderia. Mas, em suma, são as minhas ideias, sómente expostas por um metodo impessoal, pondo de parte as minhas vistas originaes e processo proprio dialectico, e apresentadas simplesmente como induzidas da evolução do pensamento moderno e mais especialmente das tendencias filosoficas dos ultimos oitenta anos. De sorte que, amigo, ainda depois de publicar um livro de filosofia ficarei sempre um filosofo inedito.»

Esta confissão de Antero precedeu a saida de primeira parte do estudo referido. «Filosofo inedito», a sua filosofia condensa-se, no entanto, num ligeiro periodo seu, intercalado nas deduções do estudo em questão. «Se pois só a perfeita virtude, a renuncia a todo o egoismo, define completamente a liberdade, e se a liberdade é a aspiração secreta das coisas e o fim ultimo do universo, concluamos que a santidade é o termo de toda a evolução e que o omverso não existe nem se move senão para chegar a este supremo resultado.»

Desfeita a fabula do negativismo filosofico de Antero outro aspecto ha na sua vida de trabalhador da inteligencia que nos toca tanto como esse. Se de certo modo Antero adivinha a renascença espiritualista que hoje encontra no regaço da Igreja a sua expressão consciente, tambem para o nosso nacionalismo apaixonado Antero, como politico, representa uma lição que é preciso termos sempre bem presente. Vestiu Antero a blusa azul dos tipografos. E com o seu alvoroço romantico, filiado na *Internacional* e conspirador ideologo da *União Iberica*, não suponhamos sacrificando incondicionalmente os fervores da sua mocidade ao humanitarismo burguês da Revolução Francesa. Antero foi sobretudo um discipulo de Proudhon. Ninguem, como Prodhon, possuiu o senso da politica tradicional dos reis francezes e se revelou um adversario implacavel da diminuição social trazida á França pelos falsos dogmas de 89.

Apologista inflamado da educação classica e do tipo patriarcal da propriedade, Proudhon figura hoje entre os mestres da Contra-Revolução. As utopias constitucionalistas mereceram-lhe criticas implacaveis e na hora em que o poder temporal da Igreja bacueava na cumplicidade da França excitada pela ventania jacobina de Proudhon partiu a defeza do estado de S. Pedro e dos direitos pisados do Pontifice. Por isso no livro sensacional de Jacques Bainville,—*Bismarck et la France*, se lê na dedicatoria o nome de Proudhon ao lado da evocação internecida dos Zuavos pontificios, mortos em combate, de armas na mão.

Antero reconhece na sua auto-biografia a direcção que recebera de Proudhon e ela é manifesta logo nos seus começos literarios, quando deitou á estampa o seu rarissimo opusculo *Defesa da carta encyclica de Sua Santidade Pio IX contra a chamada opinião liberal*. «O autor, —explica Antero a Wilhelm Storck,— glorificando o Pontificado pela beleza da sua atitude intransigente em face do seculo, via nessa intransigencia uma lei historica, resava respeitosamente um *De profundis* sobre a Igreja condenada pela mesma grandeza da sua instituição a cahir inteira, mas não a render-se, e atacava a hipocrisia dos jornaes liberaes.»

A attitude do Antero em 1865, inspirada sem duvida pelos fortes trovejamentos de Proudhon, preludia na sua hesitação doutrinaria as admiraveis campanhas contemporaneas de Charles Maurras sobre o *Syllabus*. O gosto contra-revolucionario afirmava-se assim no nosso «pequeno Lassalle»,—como Antero a si mesmo se alcunhava. E ainda debaixo das reminiscencias de Proudhon, ha na sua *correspondencia* uma passagem que eu reputo notabilissima para a justa compreensão do pensamento politico de Antero. Arranco-a duma carta dirigida a Germano Vieira-Meyrelles e datada rematamente de 1866—, um ano a seguir á publicação da *Defesa da carta encyclica*.

«Para me distrahir, tenho-me agora dado á leitura de romances, e releio Balzac, que é com efeito singular e unico n'um genero aliás cultivado n'este seculo por tantos homens de talento. Os romances de Balzac são uma verdadeira *historia intima do nosso seculo, e tenho* admirado como em certas coisas capitaes (como a influencia da burocracia, a anarquia do livre cambio, as illusões do Constitucionalismo, etc.), a sua observação despreocupada da sociedade se encontra e concorda com a critica systematica do grande Proudhon.» Relida esta transcrição, decorrido já um tão largo *periodo* de tempo, o comentario só pode ser um e é ele que no livro de Luis Dimier, *Les maitres de la Con tre-Révolution*, o nome de Balzac se inscreve ao lado do nome de Proudhon.

Com a sua penetrante lucidez critica, não nos causará estranheza que Antero se tornasse desta forma um scetico da democracia e um inimigo tenaz do sofisma constitucionalista. O seu germanismo intelectual levara-o, por intermedio de Hegel, á acceitação da noção historica do Estado. «Como acomodava eu este culto pelas doutrinas do apologista do Estado prussiano com o radicalismo e o socialismo de Michelet, Guinet e Proudhon?—perguntava Antero a ele mesmo na sua autobiografia, não achando a explicação clarissima do caso, que, misturando Proudhon com Michelet, o poeta se apressava a complicar. A razão estava na antinomonia do socialismo de Proudhon com o radicalismo de Michelet. Como Proudhon, pela análise penetrante das ideologias jacobinas traz hoje á discipl na da Realeza muita mentalidade desgarrada, tambem Antero, libertado pelos ensinamentos do mestre do seu romantismo igualitario, anteveria cedo a falencia da democracia.

«O que dará a democracia?—interrogava Antero em carta a Fernando Leal, depois de verificar a banca-rôta do regime burguês. Quem poderá dize-lo! E' o escolho onde até hoje teem naufragado todas as sociedades. Será que a sociedade, emquanto dividida em classes, que reagem umas sobre as outras e mutuamente se estimulam, e emquanto essas classes têem, como taes, um fim a cumprir, uma aspiração, um ideal, será, digo, que a sociedade, n'essas condições, constitua um *meio* mais proprio para a producção do civismo e para a temperança dos caracteres? e que, realisadas aquelas idéas, cessando aquele estimulo, o homem que aquela luta levantára como acima de si mesmo, tenha fatalmente de cair na condição primitiva, n do animal de quem descende, só preocupado com materialidades e visionices?» E a duvida que Antero formulava, dando tanto realce á necessidade do *constrangimento*, negação do optimismo revolucionario e base verdadeira de toda a filosofia da Autoridade. —essa duvida reaparecia na sua pena aproposito duma brochura de Jayme de Magalhães Lima.

«Mas tudo isto é filosofia mais ou menos curiosa apenas, em face da urgencia de organizar o poder politico nas sociedades democraticas, ponderava Antero. Confesso-lhe que não me parece isso coisa que se resolva do pé para a mão, nem creio que tamanha obra dependa simplesmente da acceitação de certas doutrinas. As da representação *adequada* e *efectiva* de nação, dos seus orgãos naturaes, e não de entidades abstractas, acho-a perfeita e é ha muito a minha. Mas como dar consciencia a esses orgãos, da sua realidade e autonomia? por meio da lei? mas a lei é impotente para isso, impotente para crear seja o que fôr n'aquela esfera profunda que só depende da espontaneidade social.»

Seduzido ainda pela miragem da evolução, Antero entregava ao tempo o desenlace da dificuldade. E de volta ao assumpto, acrescentava na carta seguinte:—«Tinha ficado, naquele tempo, em que, sendo a sociedade um organismo, a sua forma politica devia ser organica, efectiva, e não abstracta, natural e não matematica; e que se uma sociedade, por ser democratica, nem por isso deixa de ser socratica, nem por isso deixa de ser uma cidade, isto é, unidade organica, toda a questão, para as democracias, está em conhecer quaes são os seus orgãos naturaes, e partir dei para a remodelação politica. São as ideas do O. Martins, do Lavelev, e já hoje de muitos mais, entre os quaes está tambem o meu amigo. Acho pois que são tambem hoje as minhas, e persisto em crer que esse ponto de vista naturalista e realista deve vir combinar-se com o juridico e abstracto da Philosophia do Direito Classico, para dessa união sahir a verdadeira teoria do Direito Publico.» E Antero, visivelmente inclinado para as raizes da questão, continuava algumas linhas adiante: — «O que nuava algumas linhas adiante: — «O que é que impede *verdadeiramente* a reorganisação das nossas sociedades? E' apenas a ignorancia duma teoria, do sistema salvador? ou será um facto intimo, o *individualismo*, elemento psicologico que condiciona tudo o mais?»

Na sua casinha de Vila-Conde, carteando-se com os amigos, Antero agitava pela inquietação ardente do seu espirito as mesmas interrogações que se sentiam já na consciencia culta da epoca e a que o genio de Maurras daria mais tarde uma luminosa resposta. Continuando neste caminho da «organisação da democracia pelos seus orgãos naturaes e efectivos», desenha-se nitidamente o fio que levou Antero a apoiar a politica dinastica de Oliveira Martins,—a sua outra metade o S. João Evangelista da sua sonhada obra de renovação social. Herdara Antero de Proudhon a mais fundamental repulsa pelo que ele proprio chamava «as illusões do constitucionalismo».

Na sua correspondencia depara-se-nos mais duma allusão terminante á insania liberalista que desenraizara a nacionalidade. Assim a Henrique das Neves preguntava Antero: — «Terá este pobre povo, tão enfraquecido moralmente, e intelectualmente desnorteado, por 50 anos de miserias partidarias e de illusões liberaes, e a quem falta um forte sentimento nacional, terá capacidade ainda para tantas virtudes?» «Por outro lado,—asseverava o poeta a Frederico Diniz de Ayala—, a politica anti-portugueza do partido regenerador nesta questão, **é mais uma completa manifestação da incompatibilidade do liberalismo com o nacionalismo,** cujas raizes e essencia são *muito outras.*»

Nem constitucionalista nem jacobino, entende-se agora porque na carta a Sebastião de Arruda do Costa Botelho, Antero escreveria de Oliveira Martins que este, ao infiltrar no partido progressista, levava consigo, desfraldada, a bandeira do Socialismo. Em que consistia esse socialismo? Em acabar com a aliança da burocracia com a finança, que é a fatalidade do partido regenerador, origem da corrupção politica e de um sistema*tico desgoverno.*» E impregnado dum entusiasmo desconhecido, Antero insiste, Antero explica:—«Destruir essa oligarquia burocratico-financeira, que nos domina e desmoraliza ha tantos annos, e impedir por meio de leis convenientes que ela possa de futuro tornar a formar-se, parece-me coisa muito mais importante de que uma simples alteração no caracter do poder executivo, coussa que deve ficar para depois, pois só as reformas economicas e financeiras tornarão aquela outra puramente politica, não só possivel mas fecunda e duradoira.»

Do socialismo de Antero e de Oliveira Martins dissera o primeiro a João Machado de Faria e Maya:—«Eu e ele é que nos entendemos a esse respeito». Desguarnecido de todo o filantropismo revolucionario, não era senão a luta contra os excessos do capitalismo pela conquista legal dos *direitos do trabalho*. Descende de Proudhon o sindicalismo francês, já entrado na fase organica com Georges Valois, por teorico da «Monarchie ouvrière».

Filho de Proudhon igualmente, o socialismo de Antero viria a definir-se em sindicalismo com as notaveis medidas economicas de Oliveira Martins, levado precisamente pela feição socialista dos seus planos de governo ao encontro dum poder forte, á cuja sombra, sem se engolfarem em dissenções fratricidas, as classes conquistassem uma vida autonoma e prospera.

Em 1880 ainda o partido socialista apresentou o nome de Antero ao eleitorado lisbonense. «Se por acaso, vires nos jornaes que sou candidato socialista por Lisbôa, não tomes isso a serio,—comunicaria Antero pouco antes a um amigo. São cousas, que podem suceder a qualquer, independentemente da propria vontade e determinação, exatamente como apanhar chuva ou ter de ouvir um discurso massador.» No entanto, apesar deste aparentado indiferentismo, não exageremos se considerarmos notavel o *manifesto* de Antero. Nele se affirma:—«Representantes d'um movimento hoje esgotado, o movimento individualista, liberal e burguês do primeiro quartel d'este seculo, os partidos conservador, progressista e republicano, tiveram já a sua razão de ser, correspondendo aos aspectos da revolução que consumaram e da sociedade que fundaram.»

E Antero prossegue, revelando bem os fundamentos *nacionaes* do seu socialismo, em que é evidente o sinal da influencia proudhoniana:

«—Mas, á medida que essa sociedade burguêsa, transformando-se surdamente, entrou em decomposição, os partidos saidos d'ella e que a representavam perderam tambem gradualmente a sua autoridade social: de partidos, transformaram-se em bandos, enquanto os seus programas, a principio lemes juridicos, se foram reduzindo ao estado de frases duma retorica tradicional.» Em seguida Antero declara-se anti-parlamentarista em termos que seriam para ficar memorandos, se o eclipse da inteligencia colectiva em Portugal não tivesse começado só agora a desvanecer-se.

No ambiente subtil e este fixador dessa conspiração permanente, que é a essencia mesmo do parlamentarismo, (os partidos) perderam a noção da realidade: e, enquanto o mundo se transforma, vão repetindo maquinalmente as costumadas teses duma filosofia politica caduca e que nem já compreendem». Classificado o parlamentarismo de *«Conspiração permanente»*, Antero definiria adiante o jacobino como *«Um conservador incoerente com frases de demagogo.»* E numa critica cerrada contra a sociedade burguêsa, ligando monarquia liberal a republica parlamentar, Antero condensaria bem os motivos do seu socialismo, ao lançar a apostrofe celebre: **—Burguêses radicaes, se a nossa republica não é mais do que a republica do capital, assim como a monarquia dos conservadores não é mais do que a monarquia do capital, que temos nós, Proletariado, que vêr com essa esteril questão de forma? E' uma questão de familia entre os membros da Burguezia, nada mais.»**

Posto de parte todo o subjectivismo democratico, a expectativa de Antero para com a Realeza tornou-se benevola. Foi com a sua decidida aprovação que Oliveira Martins se allistou no partido progressista, embora, falseando a verdade como sempre, Teofilo Braga assevera que Antero se indignava com a «apostasia» do amigo. Tanto não era assim que em 31 de março de 1888 Antero se exprimia deste modo a João Machado de Faria e Maya:—«Os bons astrologos politicos dizem que o ministerio, tal como está, não pode durar muito, pois se acha dividido em dois campos rivaes, e preveem crise para depois do casamento do Principe. O campo de batalha é o novo ministerio, destinado a O. Martins e o programa financeiro e economico o do nosso grupo.»

Respondendo já em 1890 a uma carta de Oliveira Martins, Antero ia mais longe. «V. é homem de ação e o *terramoto* que se aproxima abre-lhe horisontes e promete-lhe um teatro digno da sua actividade,—escreve ele. E havendo Oliveira Martins significado a necessidade de Antero *«voltar á superficie»*, o filosofo, depois de alegar o seu cansaço e o seu apego á idéa pura, esclarece:—«E eu sel-o-ia—com que vontade e gosto, escuso dizel-o—, esse seu companheiro de lucta, se me não conhecesse completamente incapaz para aquillo de que se trata. Tenho pois de me conservar *no meu papel, quero dizer, na logica do meu caracter e das minhas aptidões*. Serei simplesmente para v., como até aqui, amigo, confidente e critico encartado. De resto, quem sabe o que virá? Não recurei diante de coisa alguma, senão só daquillo que repugnar á logica e harmonia do meu ser.»

E não recuou. Colocado á frente da *Ligá Patriotica do Norte*, dirige a parte politica de *A Provincia* durante esse curto periodo de efervescencia patriotica. Na *Provincia*, onde Oliveira Martins sustentara as suas extraordinarias campanhas de moderação e construção politica é que Antero acaba de confirmar o seu nacionalismo incondicional. «Pobre Portugalorio!»—desabafaria ele, cheio de enternecimento, com Oliveira Martins. E não se poupa a fadigas, a sua energia é a energia dum iluminado. Redige ele proprio o *Manifesto ao pais*, debaixo da dôr avultante do *ultimatum*, não se chegando porém a distribuir, porque Antero destruiu todos os exemplares. «Neste documento, —elucida Joaquim de Araujo,—condenavam-se os partidos militantes, estabelecendo-se que deles, inclusivé o republicano, nada havia que esperar.

Alguns Eça de Queiroz explica-nos como a *Ligá* expirou. Chovia. A' sessão marcada só compareceram Antero, presidente, e o conde de Rezende, secretario. «Ambos se olharam pensativamente, deram duas voltas á chave da casa para sempre inutil, e vieram, sob o vento e sob a chuva, acabar a sua noite em Santo Ovidio». E' que a expiação não chegara ainda. Chegou quando a geração que então despertava no berço se viu, vinte e tantos annos mais tarde, com o encargo sacratissimo de restaurar a Patria que seus pais haviam deixado perder quasi de todo. O nacionalismo, que Antero considerava incompativel por natureza com liberalismo, não possuia raizes no espirito desorientado da colectividade. Foi preciso que o sangue corresse, que se chacinasse um rei, que a mocidade da terra portugueza se oferecesse, gentil e heroica, á ira de Deus e á reparação da historia.

Hoje, sim, que a esperança já desce dos horizontes confusos e debaixo das lagens tumulares se ouvem tinir armas como para um grande combate libertador.

Adivinhando-o nas dores impossiveis do seu pensamento e do seu sangue, Antero do Quental é n'uma amargurada experiencia um mestre a meditar-se. Os erros do seu tempo expiou-os ele por nós suficientemente conduzido pela mesma crença dedicada com que, á custa do seu sacrificio lançou, mais uma pedra no caminho, para que os cavaleiros do resgate, ao passarem, se não enxovalhassem na lama. Nem de largo lhe serviram os indicios da victoria. Mas na renascença espiritualista, que ele entreviu no eterno purgatorio do seu genio de filosofo, alguma coisa de Antero palpita, quando mais não seja senão a sua sede abrasadora de Absoluto.

Fiel ás virtudes ancestraes da nossa raça, não nos esquecemos ainda de que, como ele regressado das ideologias romanticas da revolução, nos ensinou no seu exemplo a ter mais vivas as raizes do nosso tradicionalismo e a servirmos com fé e coragem o desejado resurgimento de Portugal. Nada queremos da republica de burguezia, como nada queremos da monarquia dos plutocratas! Charles Maurras aceita a designação do socialismo como valendo pela penetração duma idéa social de utilidade no conceito historico de propriedade. Comunitaria é a noção crista da sociedade,—comunitaria é a Realeza povoadora e cultivadora, nos seus mais profundos alicerces. Neste socialismo concluiria Antero, como Oliveira Martins concluiu. E se nós somos de certo modo o partido postumo de Oliveira Martins, porque é que não havemos de contar Antero de Quental entre os nossos camaradas mais velhos?

Antonio Sardinha

Ao leitor d'A MONARQUIA

Depois de lido, enviar este jornal ás Juventudes Monarquicas Conservadoras, Nucleo Regional de Lisboa, travessa das Mercês, 55, a fim desta o mandar para os nossos soldados no «front».

PORTUGUEZES!

Os prisioneiros de guerra passam privações

Enviai á Junta Patriotica do Norte—Paços do Concelho—Porto—generos ou roupa, que esta os fará chegar ao seu destino.

Fim ridiculo!

Ninguem duvide de que a tentativa iniciada em oito de Dezembro está caminhando vertiginosamente para o fim! Mas, podia esse fim ser honrado e decoroso, podia esta situação cair, confessando-a sua impotencia para resolver o problema portuguez, apezar da sua boa vontade. Não o querem porém, os politicos do dezembrismo.

Julgando-se idolos do paiz eles que deviam apenas ser seus servidores—os *centristas*, logo que se apanharam no poder, imiscuiram-se entranhadamente na politiquice reles, desviando-se da missão que o paiz lhes confiara numa hora de alvoroto tada ingenuidade.

O paiz não apoiou o movimento revolucionario de 8 de Dezembro para que o sr. Sidonio Paes fosse habitar o Castelo da Pena. O paiz apoiou o sr. Sidonio Paes, como apoiaria qualquer outro, porque foi ele que apareceu a comandar os que derrubaram o governo democratico.

O paiz estava farto de Republica, cançado do jacobinismo mais feroz e da mais reles politiquice!

O paiz estava farto de ver o Tesouro delapidado, as crenças perseguidas, a lei desrespeitada!

A obra da Republica fôra desde o seu inicio uma louca cavalgada para o fim—não só para o fim do regimen, como tambem para o da Patria!

Tudo se prometera ao Povo para que ele servisse de degrau aos ambiciosos da Republica. Prometera-se-lhe moralidade, agitando-lhe ante os olhos pseudo-escandalos da monarquia em extertor! Prometera-se-lhe cumprir a Lei, apontando illegalidades, inventando outras! Tudo seria um mar de rosas, depois de proclamada a Republica-sonho de ideologos e esperança de ambiciosos!

O preço da vida baixaria como por milagre.

O regimen do empenho terminaria, para dar logar ao da competencia e da legalidade! Não mais o Estado seria defraudado! Não mais haveria Miseria—a Desgraça abandonaria as suas victimas!...

O que a Republica fez, todos o sabem, sabe o demais o paiz que foi sua victima!

Que é da sua Tolerancia, da Liberdade que apregoavam na opposição? Estarias nas perseguições feitas a padres e a religiosas, no encerramento *brutal* das suas casas, nos assassinatos politicos frequentes?

Eram de homens que apregoavam moralidade os roubos continuos que se fizeram, o que se fez nos bens das congregações e mais tarde aos dos inimigos? Eram *moraes* as infames negociatas que se apontavam a dedo e donde resultavam fortunas inesperadas e repentinas?...

—Como fôra ludibriado todo um povo por essa horda de aventureiros grotescos!...

A vida encareceu rapidamente, sem que pensasse em pôr termo a este accrescimo um governo que era escravo das oligarquias financeiras e da Maçonaria!

A Lei foi postergada constantemente, parecendo até fazer-se gala nisso!

O favoritismo chegou ao seu auge, o regimen da incompetencia encontrou na nossa republica a sua mais alta expressão!

Em vez da politica independente e nacional que se anunciara quando na opposição, viu-se fazer a politica mais ferozmente partidaria e intolerante, sem qualquer respeito pelas conveniencias nem pelas aparencias!

Depois, vinda a guerra, lançado Portugal—ainda não se sabe como—nesse conflito immenso, o governo republicano comprometeu irremediavelmente a sua reputação já infamante com a criminosa negociata dos navios cuja apreensão nos levara á guerra e que foram cedidos por 11 vezes menos o seu valor a uma empresa particular inglesa que para isso comissionou largamente aquêles que lhe conseguiram a pechincha!

Os nossos soldados—que parece a nossa aliada não pedira nem queria que marchassem—foram enviados para França, sem organização nem recursos de especie alguma—a ponto de um official inglês chamar ao nosso contingente «a mais desorganizada organização»!

Em vez de se enviarem para as nossas colonias homens bem municiados que as defendessem *a todo o tempo* de pretensões extranhas—só se pensou em enviar gente para o matadouro da França, para que o governo da republica pudesse sempre contar com o apoio dos governos a quem fazia o *favor* de oferecer o sangue dos portuguezes! Mas, ainda na organização dessas tropas, apareceu outro escandalo que indignou profundamente toda a gente! Refiro-me á questão dos *coxapins*—homens que haviam pregado a guerra e impelido Portugal para ela e que depois ficavam socegadamente em casa ou nos restaurants de Montmartre, emquanto no *front* iam morrer as victimas inocentes das suas *combinações*!

Sufocava-se! Por toda a parte o espirito de revolta se espalhava como uma epidemia! A catastrofe estava proxima! Nada a evitaria.

Foi este espirito de revolta contra o governo da Republica que o sr. Sidonio Paes encontrou ao entrar no Parque Eduardo VII! Aparecesse outro qualquer que livrasse o paiz daquela gente odiada —e o paiz segui-lo-ia—como seguiu o sr. Sidonio Paes!

Os revolucionarios de *8 de Dezembro* —como de resto *a massa* de quasi todas as revoluções—não sabiam o que queriam *construir*! Sabiam apenas o que queriam *destruir*!

Apareceu um homem que se propoz comandar essa destruição! Toda a gente o seguiu!

A situação normalisou-se após o combate. Formou-se um governo—ou uma especie de governo dictatorial.

A Nação, cançada de politiquice mesquinha, esperava, confiada, que desse movimento «nacional» pelos intuitos saisse um governo de força—um governo militar que, abstraindo da politica, cuidasse apenas da administração e do interesse nacional!

Não o fez o sr. Sidonio Paes!

Quando a Nação lhe pedia um governo nacional, ele respondia com vivas á «republica nova», que seria tudo menos o sonho dos revolucionarios de Dezembro —pelo menos duma grande parte!

Em vez de afastar a questão politica que os monarquicos lealmente interromperam, o governo, só pensou em crear «partido», metendo-se logo na balburdia eleiçoeira e na confusão parlamentar!

Nenhum dos criminosos governantes caidos foi castigado pelos seus crimes porque se quiz manter acima de tudo o prestigio da Republica!

Os vicios que se apontaram á chamada «republica velha» em breve eram apanagio da chamada «republica nova»!

Quando se esperavam «novos homens» e «novos processos», o que se viu?

«Apenas incompetencia, inconsciencia, imoralidade e ridiculo, esbanjamento e ilegalidade»!

Foi esta a obra da «republica nova»! São estes os seus principaes caracteres!

E para nada lhe faltar tem tambem uma Censura estupida e tirannica que, para o exercicio das suas funções, não se funda nem na razão, nem na lei, nem sequer nas conveniencias do governo que a manteem!

Agora quer-se a reconciliação de todos os republicanos para salvar um regimen que estrebucha a poucos passos do berço!

A «republica nova» liquida assim grotescamente nos braços daqueles contra quem foi feita!

Falidas todas as especies de republicas, afastada do espirito da Nação qualquer solução que sofra originalmente do vicio democratico—só a Monarquia se apresenta como solução «unica» do problema português! Desta tremenda fornalha que ameaça consumir-nos; sairia engrandecida a nossa querida Patria, porque terá encontrado o caminho da salvação! Então, a Monarquia virá, não como o triunfo dum partido politico, mas sim como o triunfo da Nação que se recupera a si propria!

Amputados todos os vicios democraticos que o Liberalismo lhe inoculou, a Monarquia virá integrar este grande Povo na continuidade quebrada dos seus destinos!

Oxalá que ela venha em breve para que possa extirpar a ferida, antes que ela inunde esta Patria de loucura!...

João Camilo Felix Correia.

A republica e os catolicos

«Uma individualidade que na actual situação gosa de incontestavel prestigio e preponderancia», mas cujo nome, infelizmente, se não pode saber, declarou ontem á historica «Ofelia» que até agora o maior serviço prestado á Republica pela actual situação senão o unico, foi o conseguir aproximar da Republica os catolicos. E não se pense que isto não foi um triunfo.»

Depois tece tremendos elogios á «Liberdades e afirma que os catolicos «estão hoje satisfeitos e as incompatibilidades que existiram durante tanto tempo entre eles e a Republica desapareceram...»

O melhor comentario que se pode fazer a *isto* é lembrar que o dirigente dos catolicos (os do *Centro*, entenda-se) é o miguelista Pinto Coelho e que o homem da republica a quem se deve o *relevante* serviço da aproximação é o nevropata Egas Moniz...

E depois digam que não ha veneno miguelista, que não ha intriga,—e com republicanos metidos nela! De outra forma não se concebe a miguelismo arrastando os catolicos para a republica,—com o sr. Egas Moniz por seu lado a fazer o seu jogo...

Santo Deus! que voltas ainda nós veremos dar tudo isto!...

Por conveniencia de paginação publicamos na 2.ª pagina as secções Critica das letras e Comentarios

Aires de Ornelas

Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Maria de Jesus de Sousa Holstein, regressou a Lisboa o sr. Aires de Ornelas, ilustre representante de El-Rei.

A Sua Ex.ª as nossas boas vindas.

ATLAS
Companhia de Seguros
Rua do Crucifixo, 49

"A Monarquia"
Aceitam-se agentes nas terras onde os não haja.